

O QUE PENSAM OS AFROPESSIMISTAS? NOTAS INTRODUTÓRIAS AO PENSAMENTO NEGRO RADICAL

Filipe Tavares¹

Resumo:

O papel do sujeito está presente em diversas teorias das Ciências Sociais e cada uma delas concebe-os de formas distintas. Este artigo visa explorar os principais argumentos do pensamento negro radical, exponenciado pela Teoria Afropessimista, cujos principais autores são Orlando Patterson (2008); Frank Wilderson III (2020; 2021); Saidiya Hartman (2021; 2023); Sylvia Wynter (2021) e Denise Ferreira da Silva (2022). Propomos a apresentação das ideias centrais da teoria por seus principais intelectuais, com vistas a fomentar as discussões acadêmicas acerca do papel da negritude, racismo, antirracismo, violência sistêmica e do “pacto da branquitude” na construção do conhecimento histórico e sociológico. Apesar das divergências, fruto das múltiplas experiências sociais, religiosas, políticas e acadêmicas dos autores, as interpretações são congruentes ao partirem de algumas premissas, sendo elas: a rejeição da História ocidental branca como a História da humanidade; a permanência de contextos de violência gratuita aos corpos negros; a reprodução das ações e práticas escravistas – e escravocratas – na sociedade moderna; a construção da dicotomia entre humanos (brancos) e negros (coisas, objetos, peça). Conclui-se que, nas discussões apresentadas, os autores suscitam críticas à homogeneidade da categoria “sujeito”, produzida para ser aplicada a contextos europeus e a pessoas brancas, em especial, ocidentalizadas.

Palavras-chave: Afropessimismo; Pensamento Negro Radical; Teoria Afropessimista; Relações étnicorraciais.

Abstract:

The role of the subject is present in several Social Sciences theories and each of them conceives them in different ways. This article aims to explore the main arguments of radical black thought, highlighted by the Afropessimist Theory, whose main authors are Orlando Patterson (2008); Frank Wilderson III (2020; 2021); Saidiya Hartman (2021; 2023); Sylvia Wynter (2021) and Denise Ferreira da Silva (2022). We propose the presentation of the theory's central ideas by its main intellectuals, with a view to fostering academic discussions about the role of blackness, racism, anti-

¹ Doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade (CPDA), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

racism, systemic violence and the “pact of whiteness” in the construction of historical and sociological knowledge. Despite common divergences, the result of the multiple social, religious, political and academic experiences experienced by the authors, the interpretations are congruent when based on some premises, namely: the rejection of white Western History as the History of humanity; the persistence of contexts of gratuitous violence against black bodies; the reproduction of slave actions and practices – and slavery – in modern society; the construction of the dichotomy between humans (white people) and black people (things, objects, pieces). Therefore, in the discussions presented, the authors raise criticisms of the homogeneity of the category “subject”, produced to be applied to European contexts and to white people, especially Westernized people.

Keywords: Afropessimism; Black Radical Thought; Afropessimism Theory. Ethnic racial relations.

INTRODUÇÃO

A tarefa de contextualizar a vida de homens e mulheres enquanto experimentam, vivenciam e (re)produzem ações do cotidiano são compartilhadas por todos os cientistas sociais e pensadores preocupados com a construção do conhecimento acerca das sociedades. As teorias, sejam elas marxistas, estruturalistas, pós-estruturalistas, decoloniais, etc., propõem uma interpretação do mundo e a desconstrução daquilo que parece dado e/ou naturalizado. Desse modo, são produzidas para questionar o aparente, o senso comum e desenraizar concepções presentes dentro e fora da academia. Por consequência, as teorias são ferramentas criadas através da organização racional do pensamento – o que não significa que são racionalistas ou não contenham emoções – para propor questões e respostas frente aos dilemas sociais.

Neste sentido, ao largo das escolas clássicas, em sua maioria eurocêntricas e produzidas no norte global, e ao mesmo tempo em confronto com elas, está o chamado pensamento negro radical. Considerando a importância de debater estas teorias dentro das Ciências Sociais, objetiva-se com este artigo propor uma sintética revisão bibliográfica do pensamento negro radical, exponenciado pela Teoria Afropessimista, cujos principais autores são Patterson (2008); Wilderson (2020; 2021); Hartman (2021; 2023); Spillers (2021), Silva (2022) e Wynter (2021). Discute-se brevemente os principais argumentos destes teóricos, indicando a compreensão acerca do *ser* e do *não-ser*.

Este trabalho revela-se original por dialogar com este campo do pensamento restrito a ambientes norte-americanos e com pouca difusão no Brasil, com exceção dos estudos de Pinho (2021)², Sousa & Cruz (2022) e Silva, Fonseca & Oliveira (2023) que discutem em diferentes níveis e aspectos a centralidade e a ontologia do pensamento afropessimista. Propomos a apresentação das ideias centrais da teoria por seus principais intelectuais, com vistas a fomentar as discussões acadêmicas acerca do papel da negritude, racismo, antirracismo, violência sistêmica e do “pacto da branquitude”³ na construção do conhecimento histórico e sociológico.

A ordem de escolha para apresentação dos autores baseou-se na sua posição no que Bourdieu (2004) considera como campo intelectual⁴. Logo, seguem critérios subjetivos de inserção e ressonância do pensamento na academia, expressos através da quantidade de publicações e livros disponíveis, aferidos fortuitamente pelo autor. Optou-se por analisar obras com tradução para o português ou presente em ementas de disciplinas de graduação e pós-graduação, com vistas a facilitar o acesso ao texto original, indexado nos sítios eletrônicos.

Este artigo é dividido em sete tópicos. Inicia-se contextualizando o conceito de “afropessimismo” e sua origem. Posteriormente, são discutidas as ideias dos autores citados acima (Frank Wilderson III, Saidiya Hartman, Sylvia Wynter e Denise Ferreira da Silva), cientes das limitações impostas pela complexidade das argumentações e dos limites e formatos exigidos para este tipo de publicação. Por fim, são traçados comentários finais acerca dos assuntos abordados.

2A obra de Pinho – *Cativeiro: Antinegritude e Ancestralidade* – “se propõe a uma tarefa laboriosa: por um lado, busca ir a fundo na abordagem afropessimista – corrente de pensamento ligada ao campo interdisciplinar dos *Black Studies* afro-americanos, (...) Por outro lado, Cativeiro nos traz a possibilidade de uma contraposição, ou melhor, Pinho nos sugere uma possibilidade de saída para a inescapabilidade da morte social negra, entendimento que está na base das pressuposições afropessimistas” (SOARES, 2021, p. 1).

3O “pacto da branquitude” é um conceito explorado por Cida Bento (2002). Relaciona-se ao ocultamento das contribuições das pessoas negras para construção da sociedade moderna. Suas instituições reproduzem e garantem que os valores pautados no privilégio branco, que pode ou não ser verbalizado, sejam mantidos intactos. Esse pacto de cumplicidade é o que a autora denomina “pacto da branquitude”. É um pacto narcísico, onde o “diferente” ameaça a ordem “normal” das coisas, devendo ser silenciado e subjugado sem direito à representação. Consiste, também, na ausência de um discurso explícito sobre a herança da escravidão, preconceitos, ódio e relações desiguais de gênero construídas pelos antepassados das pessoas brancas. A manutenção desse pacto consiste em desfrutar de todos os privilégios e riquezas construídas sob a opressão dos escravizados, mas tratá-las como meritocracia. Para esses privilegiados, a defesa dos seus preconceitos e espaços de acessos exclusivos devem ser tratados como mérito, e nunca deve ser verbalizada as experiências negativas e desumanas que proporcionaram chegar até aquele ponto.

4O campo, de forma geral, é o local onde estão inseridos os agentes e as instituições e possuem regras próprias para seu funcionamento. Os sujeitos, localizados dentro dos campos, sofrem as influências da estrutura das relações objetivas, que acabam por determinar o que podem ou não fazer, falar, agir, a depender da posição que ocupam. Aqueles que possuem maior acumulação de capital, seja científico, simbólico ou econômico, contribuem para a determinação da estrutura, e auxiliam nas pressões e dominações a serem exercidas nas diferentes esferas. “Cada agente age sob a pressão da estrutura do espaço que se impõe a ele tanto mais brutalmente quanto seu peso relativo seja mais frágil” (Bourdieu, 2004, p.24).

AFROPESSIMISMO: NOTAS INTRODUTÓRIAS

As teorias e o avanço da ciência são influenciados por estudos anteriores e pelos contextos de produção das ideias. Como indica Jeffrey (1987), as Ciências Sociais possuem em seu cerne a disputa pela construção de novas proposições, o inconformismo com os pensamentos estabelecidos e a procura pela superação de outras epistemologias⁵. Logo, com a teoria afropessimista não seria diferente.

Apesar de sua projeção ganhar fôlego partir da publicação dos estudos de Wilderson III (2010, 2021), a radicalidade interpretativa sobre a violência antinegra nas sociedades ao longo dos séculos remonta ao trabalho de Orlando Patterson (2008) acerca da natureza do escravo e da escravidão, bem como as teorias negras feministas e os *Black Studies* desenvolvidos nas universidades norte-americanas nos anos 1950. Revela-se importante destacar, brevemente, o peso da definição de **morte social**⁶ e escravidão proposta por Patterson (2008), pois que orientará a construção teórica de diversos autores alinhados a esse pensamento.

A partir de um estudo comparativo entre diferentes sociedades praticantes da escravidão (Roma, Coréia, China, Rússia, Portugal, entre outras), o autor compreende a escravidão como “a violência direta insidiosa, a invisibilidade e o anonimato, a violação pessoal infinita e a desonra crônica e inalienável” (*id. ibid*, p.33). Nas sociedades cujas escravidões baseavam-se em critérios raciais, o escravo era aquele cuja existência não existia longe dos domínios de seus senhores, que através da violência, do desenraizamento e da “inexistência” dominava-os por completo: “como o escravo não tinha uma existência socialmente reconhecida fora do domínio de seu senhor, ele se tornava uma não-pessoa” (*id. ibid.*, p. 24).

Isso não significava que o escravo não possuía um passado, como alerta o autor, mas a eles não era dado o direito de existência de ancestralidade, saberes e valores comunitários e/ou familiares, elementos de coesão social. A condição da escravidão impossibilitava a existência de honra –

⁵Ademais, o autor aponta que as teorias, sejam coletivistas ou individualistas, assumem os problemas da ação e da ordem, tomando posição sobre o papel que o indivíduo possui em relação à estrutura. Demonstra que: “É essa tensão entre liberdade e ordem que fornece a base intelectual e moral da sociologia. Os sociólogos exploram a natureza da ordem social, e justificam discursivamente as posições que adotam em relação a essa questão, porque estão profundamente interessados em implicações da ordem para a liberdade individual” (Jeffrey, 1987, p. 9).

⁶ O conceito de morte social é sinteticamente definido por Pinho (2022, s/p) como: “A morte social como categoria vivida da articulação estrutural entre o mundo antinegro e a negritude, e a antinegitude, como categoria descritiva da natureza histórica de um antagonismo estrutural central que nega em termos empíricos a coexistência entre o negro e o mundo”.

construída no processo de valorização, negociação e rejeição de elementos internos e externos –, pois não havia reconhecimento de seu valor público e da expressão de suas vontades, artefatos culturais e atitudes.

A análise de Patterson (2008), apesar de considerar a dominação permanente e violenta, o desenraizamento e a desonra dos escravos⁷ como aspectos gerais, não oculta a existência de contradições ocorridas em processos interativos e não estáticos, carregados de tensões⁸. Um desses dilemas é expresso através do processo de marginalização e integração vivenciados. Deviam ser marginalizados do acesso à humanidade, mas integrados à sociedade como não-seres. As relações exteriores que possuíam eram mediadas pelo senhor, na “intimidade perversa” (*id. ibid.* p.) dessa relação de dominação pessoal.

Apesar das divergências, fruto das múltiplas experiências sociais, religiosas, políticas e acadêmicas experienciadas por eles, as interpretações são congruentes ao partirem de algumas premissas, sendo elas: a rejeição da História ocidental branca como a História da humanidade; a permanência de contextos de violência gratuita aos corpos negros; a reprodução das ações e práticas escravistas – e escravocratas – na sociedade moderna; a construção da dicotomia entre humanos (brancos) e negros (coisas, objetos, peça), em suma, *não seres*.

Situamos as interpretações de Patterson (2008) acerca da ausência de humanidade para os negros em contextos de escravidão em diferentes países pois suas interpretações possibilitaram, pela primeira vez, pensar a violência contra os negros como gratuita, isto é, sem necessidades de contextualizá-las para que ocorressem, além da desonra e do desenraizamento produzidos nesses processos. Esses elementos serão ampliados e reformulados pelos autores afropessimistas.

Previamente, sublinhamos a explicação de Wilderson (2020;2021) acerca da origem do termo “Afropessimismo”, que aparece pela primeira vez nas discussões propostas por sua orientadora de Doutorado, Saidiya Hartman. No contexto de discussão do conceito, as preocupações da autora centravam-se no sofrimento psíquico enfrentados pelos negros nos Estados Unidos e posteriormente na África do Sul.

⁷Nesse artigo optaremos por manter o termo “escravo”, ao invés de “escravizado”, por estar mais alinhado às interpretações afropessimistas acerca da condição duradoura e irreparável da escravidão.

⁸ “Mesmo neste nível mais elementar de relações pessoais deve ficar claro que estamos lidando não com uma entidade estática, mas com um processo interativo complexo, carregando de tensões e contradições na dinâmica de cada um de seus elementos constituintes” (Patterson, 2008, p.34).

Desse modo, o ponto de referência utilizado por estes autores para pensar as questões de raça é o universo norte-americano e sul-africano, mas que generalizam o aspecto da dor negra para todo o mundo. À vista disso, a teoria afropessimista propõe-se uma leitura específica para um problema geral: a gramática da violência antinegra e a criação da sociedade moderna como espaço de aniquilação, violação, destruição e sadismo contra “(não) corpos” negros.

FRANK WILDERSON III – O FUNDADOR DO AFROPESSIMISMO?

Nascido em Louisiana, em 1956, Frank. B Wilderson III é considerado o principal expoente do pensamento afropessimista. Atualmente, é professor de Estudos Afro-americanos na Universidade da Califórnia, e suas principais obras são: “*Incognegro: a Memoir of Exile and Apartheid* ([2008] 2015)”; “*Red, White, & Black: Cinema and the Structure of U.S. Antagonisms*” (2010) e “*Afropessimism*” (2020)⁹.

Para compreender a densidade de sua escrita, é necessário ressaltar de sua biografia um aspecto central para compreensão sobre como a violência antinegra no mundo afeta sua existência: o autor foi eleito oficial no Congresso Nacional Africano durante o regime de transição do Apartheid, em 1992, e guerrilheiro da organização paramilitar *uMkhonto we Sizwe*, opositores da segregação. Suas experiências como militante e congressista, somadas ao quadro clínico de fragilidade psicológica apresentada no livro *Afropessimismo* (2021), contextualizam o leitor sobre as origens da sua escrita radical e apontam indícios para compreensão da vastidão dos seus interlocutores.

Conforme mencionado, optamos por discutir as ideias centrais de suas obras, artigos traduzidos e entrevistas, sem propor uma reflexão específica para cada uma delas, mas apreciando os pontos nevrálgicos de sua construção teórica. Apesar do reconhecimento das ideias do pensamento negro radical enquanto uma Teoria, para Wilderson (2021) esta é considerada menos uma teoria e mais uma *metateoria*, cuja definição é:

Um projeto crítico que, ao utilizar a negritude como lente de interpretação, interroga a lógica tácita e presumida do marxismo, do pós-colonialismo, da psiquiatria e do feminismo por meio de rigorosa consideração teórica de suas *propriedades e lógicas presumíveis*, como seus fundamentos, métodos, forma e utilidade; e que o faz, de novo, num nível mais alto de abstração do que aquele em que se dá a interrogação dos discursos e métodos das teorias (*id. ibid*, p. 23-24, grifos originais)

⁹ Essa última encontra-se traduzida e publicada (em 2021) com o título *Afropessimismo*, pela editora Todavia. Outras informações do autor podem ser consultadas em: <https://www.frankbwildersoniii.com/about/>, acesso em 30 de novembro de 2023.

O autor (2020, 2021) propõe a anti-negritude como uma gramática essencial do sofrimento e o afropessimismo como uma análise da violência estrutural contra negros, a qual não se finaliza ou abranda com avanços políticos, econômicos ou até mesmo com uma revolução de cunho popular/socialista. O conceito de raça, nestas formulações, é percebido como critério de classificação, exclusão, segregação e aplicação da violência no mundo moderno, cujas convergências aparecem nos trabalhos de Ferreira da Silva (2022) e Hartman (2021), entre outros.

A construção do conceito, bem como as aplicações das violências cometidas a partir da segregação entre pessoas brancas (consideradas como “sujeitos”) e negros (considerados “não sujeitos”) são pontos elementares da teoria. A questão proposta por Wilderson III centraliza a discussão entorno do eixo *brancos x negros*, refutando a construção da visão de um mundo dividido entre patrões e empregados, como proposto por autores marxistas das diversas escolas e gerações, ou entre dominados e dominantes¹⁰.

A raça, portanto, é o que expressa e determina o ser de antemão, e não a cultura ou a classe social. Ela é percebida através da expressão e das marcas presentes nos negros, na existência de uma “massa amorfa” que não possui o status de corpo. Para os afropessimistas, portanto, os “sujeitos” aos quais as teorias sociais clássicas se referem excluem irremediavelmente os negros.

Há, na experiência universal dos corpos negros, aspectos como o sadismo e a violência, reproduzidas incessantemente e independente dos contextos de classe e gênero. Conforme argumenta: “o escravo é a personificação da dominação absoluta. É por isso que a violência não é contingente, mas gratuita” (Wilderson, 2020). Logo, por ser contingente, não se limita ao período histórico da escravidão. Perpetuada como experiência psiquianalítica atemporal, não necessita de razões para acontecer, já que “o tempo da negritude não é um tempo, porque ninguém pode conhecer uma plenitude distinta da escravidão” (Wilderson, 2021, p. 247).

Essa argumentação promove a ruptura com a conceituação histórica da escravidão, ao considerá-la não como evento no passado, mas como experiência generalizada da negritude. Evidentemente, a crítica não se direciona à História como *ser*, mas como espaço de produção de conhecimento e operada por sujeitos incapazes de aplicar formas de pensar descolonizadas, pois as

¹⁰ O autor, bem como seus colegas, não ignora os conflitos de classes presentes na sociedade, mas não os consideram como elemento central para explicação das contradições sociais. A partir da lógica do autor, a construção do capitalismo está diretamente associada à violência antinegra, e seu fim não pode gerar remissão às expropriações sofridas pelos negros ao longo dos séculos. Em outras palavras, uma Revolução com critérios classistas liderada por brancos apenas transformaria as situações de violência.

bases epistemológicas de sua disciplina são compostas pela descaracterização da *agência humana* negra¹¹.

A definição do **pessimismo** presente tanto nos títulos de suas obras quanto no Afropessimismo como campo e objeto de estudo, explica-se em oposição “às afirmações ditas pelas teorias da libertação quando tentam explicar o sofrimento do negro ou quando fazem analogias entre o sofrimento do negro e o sofrimento de outros seres oprimidos” (Wilderson, 2021, p.24).

A violência negra para o autor não encontra remissão pela impossibilidade de retorno ao que era antes. Para demonstrar esse argumento, estabelece paralelos com as lutas travadas por pessoas não brancas. Em correspondência ao seu pensamento, na lógica da violência contra pessoas não brancas, em especial indígenas norte-americanos, o sentido da ação é a espoliação, o roubo, o furto da terra. Ela é um mediador entre esses agentes e passível de recuperação através dos conflitos (mediados ou não pelas instituições modernas).

Para os negros, a morte é experimentada em vida, e não há retorno possível para um passado idílico ou promissor porque a violência perpetrada é incomensurável. A violência antinegra não cessa com políticas públicas ou exibição pública das imagens para fins de comoção política, porque a **“dor negra cria uma fórmula de aliança para o mundo”** e **“o que a sociedade civil precisa das pessoas negras é a confirmação da existência humana”** (Wilderson, 2021, p. 249. Grifo meu). Ou seja, o alívio de não serem negras. Logo, a violência antinegra e os rituais sádicos proferem prazer e renovação psíquica à raça humana.

Sinteticamente, considera que os corpos negros não são vistos, pensados, sentidos, construídos e analisados como humanos ou sujeitos, e que “em qualquer escala de abstração, a violência satura a vida negra. Para dizer de forma diferente, para as pessoas negras não há tempo ou espaço de consentimento, nenhuma trégua da força e da coerção” (*id. ibid.*, p.248). A violência sem limites preenche o espaço onde os negros “existem” como corpos passíveis de violação gratuita.

Dessarte, não há espaço para existência de um sujeito (negro) porque são concebidos como objetos, por definição, não sencientes. Os corpos negros – diferentemente dos indígenas e da “classe trabalhadora/explorada” explorados economicamente – constituem uma “ameaça ao corpo humano ideal e à coerência psicológica da vida” (Wilderson, 2021, p. 248). Em função disso, não podem ocupar a sociedade civil e com ela não podem estabelecer relações a não ser pela violência e pelo assassinato.

¹¹ Essa argumentação será desenvolvida posteriormente.

Conforme demonstrado, apesar da alcunha de fundador do Afropessimismo, as origens da radicalidade do pensamento também se encontravam, anteriormente, nos trabalhos de Patterson (2008) e Saidiya Hartman, orientadora de Doutorado de Wilderson III. Na seção abaixo discutiremos os principais pressupostos da autora e suas interlocuções.

SAIDIYA HARTMAN: “EU NÃO SOU UMA NOTA DE RODAPÉ PARA HOMENS BRANCOS”¹²

Estadunidense, nascida no Brooklyn, Nova York, em 1961, e professora de Literatura Comparada na Universidade de Columbia, Hartman possui como temas centrais de estudo a História da escravidão, História cultural-afroamericana e literatura.

Suas principais obras são: “*Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*” (2021); “*Vênus em Dois atos* ([2008]¹³ 2020) e “*Scenes of Subjection*” (1997). No Brasil, destacamos os trabalhos e reportagens dedicados a entrevistá-la e que elucidam sua proposta teórica, por exemplo: Sousa (2023), Biderman & Carvalho (2023) e Porto (2021).

Assim como seu orientando, a experiência acadêmica de Hartman é afetada pela sua presença em África, apesar dos diferentes contextos. Em busca de respostas nos arquivos da escravidão por ela analisados para sua tese de doutorado, a autora considera sua estada em Gana como um momento de descoberta pessoal e maturação da compreensão dos cenários de violência contidos no contexto do tráfico transatlântico. As diferenças culturais e as dificuldades de reunir material empírico nos arquivos exigiram da intelectual a aplicação de novas estratégias teórico-metodológicas para compreender as rotas escravistas do continente.

A autora inicia “*Perder a Mãe*” (2021) definindo que a escrava é uma estrangeira, arrancada de sua família, comunidade, do próprio país, desonrada e violentada. Para ela, a sobrevida da escravidão afeta diretamente a política ao promover vidas incertas, acesso limitado à saúde, morte, encarceramento e pobreza a população negra (*id. ibid.*, p.18).

A pergunta que norteia seu interesse pelas rotas da escravidão em Gana nasce com “a intenção de encontrar os restos daqueles que haviam desaparecido” (*id. ibid.*, p. 22). Para expressar concretamente essas questões, afirma que “*queria entender como a provação da escravidão*

¹² O título dessa seção refere-se à entrevista concedida pela autora à Sousa (2023). Ao longo da entrevista, discute as premissas de sua argumentação e a dificuldade de inserção de seus pensamentos em um contexto marcado pela masculinidade e conservadorismo.

¹³ HARTMAN, Saidiya. *Venus in Two Acts*. Small Axe, Volume 12, n. 2, 2008, p. 1-14

começou”, e “*como um menino pode passar a valer dois metros e setenta de fazenda de algodão ou uma garrafa de rum, ou uma mulher valer uma cesta cheia de búzios*” (idem, p. 33. Grifos nossos).

Esse corpo, tratado como peça, número ou registro de contabilidade, é problematizado através da compreensão de que na escravidão o único sujeito existente é o branco. Como consequência da ausência de “*outridade*”, o pensamento só pode se direcionar a compreender o universo dos exploradores. Desse modo, os registros históricos e a construção do pensamento historiográfico ocidental orientam-se pelas teorias modernas que, de antemão, determinaram quem são os portadores e quem são os destituídos de agência humana.

Assim como Wilderson III, Hartman (2020) reforça o papel da construção do saber e o questiona as suas premissas. À vista disso, revisitar o passado tentando encontrar a humanidade ou o “sujeito” dos corpos negros é uma tarefa assumida pela autora. A partir de arquivos sobre a escravidão, Hartman (2020, 2021) dispõe-se a reescrever, reler o passado, instituindo como humano aquele que era visto como “algo”.

Atenta-se que a postura metodológica dela não trata de recontar uma história baseada na dor e na violência, mas romper com os limites dos arquivos – e da compreensão das metodologias da História, sem cair no campo da ficção e da literatura – e concebê-los como humanos. Em suas palavras, pretende “**suscitar vidas a partir de ruínas**” (Hartman, 2021, p.111, grifos nossos).

Isto é, de acordo com suas proposições, a impossibilidade de apagar completamente qualquer vestígio da negritude e da sua existência no mundo gerou novas estratégias para destituí-los de humanidade. Neste aspecto, a ciência (seja ela social ou biológica) aprisionou o tempo e o espaço destes. As tentativas dos intelectuais para resgatar esses indivíduos acabaram por reforçar, inconsciente ou conscientemente, vidas que só podem ser percebidas através da violência, do desaparecimento e do sadismo. É contra essa percepção que estabelece seu posicionamento. Concebe, portanto, que os arquivos têm como limite o fato de definirem a vida do escravizado como ação relacionada a elementos de violência e subjugação, e não como protagonista ou humano com trajetória.

Em entrevista concedida à Silva (2023), Hartman esclarece os mal-entendidos quanto à inovação do seu trabalho para o campo da História. Historiadores de correntes tradicionais e contrários à interdisciplinaridade consideram-no, em especial seu livro *Perder a Mãe* (2021), uma crítica comum sobre os limites dos arquivos e a impossibilidade de reprodução do passado. No entanto, a autora demonstra no trecho abaixo – que apesar de longo, exprime com clareza seu

pensamento – que essa posição não exprime o grau de objetividade das questões propostas e da subjetividade das críticas às relações de poder.

Eu concordo com você. Eu acho que há uma grande hostilidade em relação ao meu trabalho e que não se limita ao Brasil. Historiadores disciplinares são devotos do policiamento das fronteiras da história, como ela deve ser escrita e quem pode escrever. Fabulação crítica seria simplesmente escovar a história a contrapelo das narrativas de progresso. Uma rejeição comum: “Ah, todo historiador sabe que ele tem que interpretar o arquivo. Não tem nada de novo nisso”. Mas não é isso que estou dizendo. Eu estou dizendo: o que significa pensar sobre o arquivo nos moldes de Michel-Rolph Trouillot e Michel Foucault como tendo sido produzido por relações de poder, como tendo sido constituído pela violência? Com esse reconhecimento, o que significa proteger um protocolo disciplinar que é baseado na reverência a esses documentos, que fetichiza os documentos dos poderosos como a única base para hipóteses verdadeiras? A fabulação crítica abarca essas formas de violência e dominação que produzem o campo de conhecimento e o modo como práticas disciplinares reproduzem essa ordem. Eu acho que as pessoas reconhecem acertadamente quando dizem “Ah, isso é um ataque à prática disciplinar!” porque não é sobre “escovar a história a contrapelo” ou interpretar os arquivos históricos. É sobre poder, conhecimento e o que significa trabalhar no interior de epistemes coloniais ou do que alguém como Denise Ferreira da Silva descreveria como a racialidade de nossos sistemas de pensamento e nossas práticas disciplinares (SILVA, 2023, p.11).

Sua crítica aos historiadores e cientistas que problematizam a interdisciplinaridade na obra encontram paralelos com a argumentação de Wynter (2021), a ser analisada a seguir. Por fim, percebe-se nas obras da autora a preocupação com o “Ofício do Historiador” (Bloch, 2002), ao passo em que promove uma reorientação nas formas de pensar temas consolidados, promovendo novas metodologias para abordagem de temas antigos. Outros aspectos são abordados em suas obras, mas que não poderão ser elencados neste trabalho, tais como as relações de gênero e classe nos Estados Unidos e em países do continente Africano.

SYLVIA WYNTER: “QUEM SÃO OS HOMENS?”

Assim como Saidiya Hartman, Sylvia Wynter teve sua intelectualidade marcada pela experiência de ser o “Outro” em espaços brancos. Nascida em Cuba, em 1928, mudou-se aos dois anos, com seus pais, para a Jamaica. Em 1946, recebeu uma bolsa de estudos que a leva ao *King’s College*, em Londres, onde passou os anos seguintes de sua vida: cursou graduação em línguas modernas (espanhol) entre 1947 e 1951; e recebeu o título de mestra em 1953 (Paterniani *et. al.*, 2022, p.6).

A autora possui ampla produção acadêmica, dentre suas principais obras estão “The Hills of Hebron” (1984) e “Do Not Call Us Negros” (1992). Sua argumentação relaciona-se, constantemente, aos efeitos da *plantation* na Jamaica e no Caribe e do imperialismo na constituição dos corpos negros. Evidencia que a inserção dos negros nas sociedades coloniais ocorreu através da objetificação – compra e venda –, marcada pela destituição de laços familiares, econômicos e de acesso à terra. Demonstra que a existência dos escravos se pautava pela impossibilidade da humanidade negra, conforme ressalta McKittrick (2015).

Mignolo (2015, p. 121) indica que a autora é uma pensadora radical que explora e questiona as raízes dos sistemas coloniais, revelando as ligações entre pertencimento racial, gênero, etc. Ainda segundo o filósofo, o objetivo de Wynter não é promover a alteração dos conceitos ou substituir categorias epistêmicas, mas desfazer os sistemas nos quais o conhecimento é produzido, e cujas proposições erradicam a possibilidade de uma emancipação negra. A defesa de sua originalidade também é ressaltada por Scott (2000), ao ponderar não o valor da desconstrução e crítica do humanismo europeu – que consagra o Homem branco como sinônimo de humanidade –, mas na reconstrução da conceitualização da vida humana, possibilitando outros sujeitos, não brancos e não europeus a terem humanidade.

Influenciada pelo pensamento de Frantz Fanon no livro *Peles Negras, Máscaras Brancas*, publicado pela primeira vez em 1952, intensifica os debates acerca do conceito de sociogenia e os efeitos psíquicos causadas pelo contato entre negros e brancos nas sociedades coloniais. Estes, alteraram a forma das pessoas negras enxergarem seus corpos, seus desejos e suas neuroses, causadas pela violência e pela desumanização sofrida.

Em sua reflexão, todos os intelectuais vinculados a correntes hegemônicas do conhecimento funcionam como '*gramátiques*' dessa ordem vigente que ordena um corpo seletivo de fatos que enquadra sujeitos - negros - a um “modelo cognitivo da sociedade à qual pertencem” (Wynter, 2021, p. 84). Isto é, a utilização de teorias construídas sobre arcabouços da herança racista e da explicação de um mundo branco (estadunidense ou europeu) reforça a exclusão direta ou indireta de pessoas consideradas não humanas. Indo adiante, o negro pode ser percebido como o "Outro Conceitual", sob a codificação da raça e baseado na ordem atual de conhecimento.

Por isso, seu projeto intelectual põe em causa os conceitos básicos do que é o Humano e a construção dessa categoria na sociedade moderna. Mignolo (2015, p.107) reflete que estudar o “homem” ou a “humanidade” é estudar a narrativização do que tem sido produzido com as próprias categorias e instrumentos que estudamos.

Ao analisar os casos de violência antinegra nos Estados Unidos, Wynter (2022) revela que a constituição da humanidade e os olhos sobre quem são seres humanos já estão definidos: Homens são aqueles brancos de origem euro-estadunidense e de classe média. Articula sua argumentação com a categorização “*No Human Involved*”¹⁴ ou “*NHI*”, difundida pela política norte-americana ao tratar de casos envolvendo a violência direta em áreas habitadas por negros. Nos relatórios e documentos analisados, a intelectual percebe a aplicação desse conceito em ações policiais em populações negras e desempregadas, expondo que não se trata apenas de exclusão social, mas da construção da humanidade, e por extensão, do respeito ao corpo e à vida.

Consoante o que fora dito anteriormente, o projeto de Wynter de questionar as bases da construção da epistemologia sobre o Homem é condizente com os efeitos práticos na categorização e objetificação de segmentos da sociedade. Essa produção de um “Homem” único reflete na forma como os jovens negros se percebem, e no caso dos EUA, expressa-se através da violência entre si, nas guerras de gangues e “outros métodos violentos” (Wynter, 2002, p. 77) que foram produzidos pelo colonizador.

O questionamento da construção do conceito de humanidade e as bases epistemológicas que configuram o pensamento ocidental, presentes nas abordagens de Wynter, é desenvolvido com maior ênfase nos estudos de Silva (2022), analisada a seguir.

DENISE FERREIRA DA SILVA – *HOMO MODERNUS*: GLOBALIZAÇÃO E RAÇA.

A última autora a ser analisada nesse artigo, a filósofa e artista brasileira, Denise Ferreira da Silva, possui expressiva relevância nos Estados Unidos, apesar de pequena inserção na academia brasileira. Socióloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), cursou Mestrado em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991) e Doutorado em Sociologia na Universidade de Pittsburgh (1999), na Pensilvânia. Atualmente, é professora na University of British Columbia (Vancouver, Canadá), do *Institute for Gender, Race, Sexuality and Social Justice*. Além da carreira acadêmica, com destaque para as obras “*Homu Modernus*” (2022); “*Toward a Global Idea of Race*” (2007) e “*A Dívida Impagável*” (2019), Denise Ferreira da Silva produziu filmes como *Serpent Rain* (2016) e *Waters-Deep Implicancy* (2018), além de promover shows e palestras em Paris, São Paulo e Nova York.

Sua teoria é marcada pela reformulação crítica da articulação entre o “global” e a “raça”, buscando nas origens do pensamento moderno ocidental as ontologias que sustentam a dominação

¹⁴ Traduzido para o português, o termo significa “Nenhum Humano Envolvido”.

racial, a violência antinegra e o liberalismo. Dialoga diretamente com o pensamento negro, com teorias feministas e pós-estruturalistas, além da psiquianálise. Nossas reflexões concentrar-se-ão na sua obra *Homu Modernus*, revista e traduzida para o português em 2022, fruto da sua tese de doutorado (1999), transformada em livro e publicada nos Estados Unidos em 2007.

Diferente dos outros autores, o cenário de análise de Silva (2022) é mais amplo, por articular a Europa, os Estados Unidos e o Brasil, não deixando de trazer para suas reflexões – no último capítulo de seu livro – o papel da miscigenação e das interpretações de Gilberto Freyre em relação à construção do “Eu brasileiro”. Demonstra, com base nas discussões sobre a miscigenação no século XIX, que a reescrita da nação, pautada no embranquecimento, deveria obliterar a presença dos corpos negros e indígenas em prol de um sujeito mais próximo ao europeu.

Silva (2022) define as questões “quem é esse Homem do centro da representação moderna?” e “qual o papel do racial na produção do Humano?” como principais para compreensão do seu esforço teórico¹⁵. Responde-as ao mapear a analítica da racialidade¹⁶, ao “traçar seu contexto de emergência, descrever suas condições de produção e delimitar os efeitos de significação do arsenal que estabelece a autoconsciência como efeito de um determinante externo” (Silva, 2022, p. 64).

Sob as bases da filosofia e textos com elevado grau de abstração, Silva (2022) percorre a construção da categoria de “sujeito moderno”, propondo uma análise cuidadosa e crítica, com vistas a defender a tese de que o arsenal de conhecimento que, hoje, governa o mundo institui a subjugação racial e propõe a eliminação dos negros. Ademais, demonstra como a construção do sujeito racional é atrelado ao exercício da branquitude.

Na perspectiva da construção ocidental, o sujeito dotado de razão só pode ser compreendido se for branco e europeu. Reforçamos o substantivo “construção”, pois como demonstra Silva (2022), a autodeterminação da razão e de sujeitos capazes de compreender o mundo – e portanto, de classificá-lo em todas suas dimensões – é historicamente modelado. Evidencia “como as armas produtivas da razão, isto é, as ferramentas da ciência e da história, constituem o homem e seus outros como seres histórico-globais” (*id. ibid.*, p.29).

¹⁵Nas páginas deste livro, a leitora encontrará minha tentativa de enfrentar esse desafio. Isto é, desenvolver uma crítica da representação moderna conduzida pelo desejo de compreender o papel desempenhado pelo racial no pensamento moderno. Eu traço diversos enunciados filosóficos, científicos e nacionais para identificar as estratégias de significação que produziram o homem e seus outros. Ou seja, forneço um mapeamento da analítica da racialidade: uma descrição do seu contexto de emergência, as condições que a produziram e os efeitos de significação do arsenal conceitual criado pelos projetos científicos que buscavam descobrir a verdade do homem (Silva, 2022, p. 27).

¹⁶A analítica da racialidade é definida como o “aparato do conhecimento fabricado pelas ciências do homem e da sociedade” (Silva, 2022, p. 22).

O pensamento moderno, sob as bases da filosofia, determinou a branquitude como sinônimo da construção da Humanidade. Essa tarefa foi reafirmada e continuada pela ciência no século XIX, ao construir um corpo biológico negro que é distinto e não apto ao trabalho intelectual e a produção de cultura. Ao mapear uma analítica da racialidade (Silva, 2023, p.52), esclarece como o racial é mobilizado por um conjunto de ferramentas da História e da Ciência para instituir um sujeito moderno racional, que se distingue do restante do mundo não branco. Por consequência, o “*nomos universal*”, a razão, as representações e o modelo científico de universalidade defendidos por Locke, Leibniz, Kant e Herder são criticados.

A proposição da racionalidade, da autoconsciência e da classificação do mundo serviu para destituir os Outros – negros – da capacidade de pensar, agir, produzir e de cultura, nação e Estado. O não branco produzido pela modernidade é manifesto como aprisionado devido a sua incapacidade de entender o mundo. Em outras palavras, não há uma agenda emancipatória para os Outros quando não existe humanidade, racionalidade e cultura. Esses três elementos, caracterizadores do *homo modernus*, estão ausentes nos corpos negros incapazes de autodeterminação.

Interessa-a não apenas as consequências do pensamento moderno ocidental, mas como as narrativas produtivas da representação, em especial história e ciência, atuaram para definir e estabelecer o lugar do sujeito (Silva, 2022, p. 26), como mencionado. Essa dupla, história e ciência, são os elementos-chave para compreensão da produção da tese da transparência, que significa a "presunção ontoepistemológica que rege o pensamento pós-iluminista" (*id. ibid.*, p. 22).

A configuração atual das instituições, das áreas jurídicas, econômicas e éticas, oriundas do pensamento moderno pressupõem e postulam a construção de um tipo exclusivo de sujeito, autoderminado por natureza e exclui os "outros", que como já discutimos nesse artigo, são os negros, pardos, indígenas e não brancos. Portanto, a autora, ao utilizar da crítica da representação moderna propõe que o racial produz e reproduz consistentemente “o enunciado da ontologia moderna” (Silva, 2022, p.21).

Desse modo, isso significa que a construção racional da razão e do sujeito cria o outro que deve ser repudiado e eliminado, por não ser constituído dos mesmos aparatos físicos, biológicos e mentais. Silva (2022) conceitua-o como "eu afetável", em oposição ao "eu transparente". O eu afetável relaciona-se à construção científica das mentes não europeias, isto é, as concepções do que são as outras pessoas ao redor do mundo, como interagem, como atendem às suas necessidades primárias. O eu transparente, por sua vez, relaciona-se ao homem, ao sujeito, a figura ontológica delimitada e consolidada (com seus valores e sua pretensa superioridade) no pensamento europeu

pós-iluminista. Por fim, destaca-se que para a autora, as armas produzidas da razão – a ciência e a história – constituem os homens e os outros como seres histórico-globais (*id. ibid.*, p. 28), e no caso dos negros, como passíveis da afetabilidade, isto é, pela “condição de subjugação ao poder natural (tanto no sentido científico quanto em seu significado leigo) e ao poder de outrem” (*id. ibid.*, p.22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas teóricas dos autores articulados indicam possibilidades para questionar o papel atribuído aos negros na construção do pensamento ocidental. Suas convergências pautam-se, essencialmente, na generalização da violência antinegra, ausente de fronteiras temporais e espaciais, cujo fim não está posto de antemão. Isso não significa, destarte, desconsiderarem as reações e resistências realizadas, mas questionar suas eficácias e compará-las ao que permaneceu. Articulam, conjuntamente, a hipótese de que a escravidão não apenas invisibilizou a História e a memória dos negros, como aniquilou suas epistemologias e seu direito de ser reconhecido como indivíduo no mundo.

Através desses autores, objetivamos propor uma breve apresentação da teoria e do papel da negritude nos processos históricos. Revela-se necessário, nessa etapa final do trabalho, indicar ao leitor que as reflexões feitas pelas teorias Afropessimistas não desconsideram as reações e resistências realizadas pela negritude, e nem tendem a desmotivá-las.

Demonstramos ao longo do texto os principais argumentos que envolvem a teoria afropessimista, do ponto de vista de seus principais autores. Visivelmente, as argumentações apresentadas não esgotam o debate e nem materializam toda a construção do pensamento radical negro. Objetivou-se, com vistas a introduzir o leitor na temática, promover o questionamento sobre o papel dos sujeitos na produção das Ciências Sociais.

Com as discussões apresentadas, os autores suscitam críticas à homogeneidade da categoria “sujeito”, produzida para ser aplicada a contextos europeus e a pessoas brancas, em especial, ocidentalizadas. Refutam, por consequência, os discursos da universalização da humanidade, seja como política, teoria ou visão de mundo. Mais do que a crítica à violência anti-negra, as teorias afropessimistas apresentadas produzem e propõem uma vigilância epistemológica a ser assumida por todos os pesquisadores.

Neste sentido, não podem ser lidas sob a ótica de uma teoria cujas saídas são dadas de antemão com revoluções, tomadas de poder, ausência ou presença de Estado. O que está em jogo para os autores é o fim do mundo ou sua transformação radical, seja ela como for. No entremeio, como

apontam os trabalhos dialogados, o intelectual deve se posicionar numa postura de desmistificação de conceitos igualitários que, na sua concepção ontológica e histórica, desconsideram a humanidade da maior parte da população.

Os autores assinalam a existência de outras formas de pensar o mundo e a violência antinegra, além da dificuldade principal de desafiar – e desmontar – as teorias e epistemologias incapazes de promover a crítica e autocrítica da branquitude. Em outros termos, os autores afropessimistas reconhecem a dificuldade de inserção das suas ideias nem tanto pelo caráter radical, mas pela recusa das correntes hegemônicas de pensar os negros como sujeitos portadores de humanidade, historicidade, cultura e política.

Aprende-se com elas, por fim, quais preconceitos e concepções estão sendo assumidas – subjetiva ou objetivamente – ao aderir interpretações cujas bases do conhecimento se assentam na obliteração e do direito à humanidade e afetabilidade de corpos negros. Portanto, ao propormos uma leitura afropessimista do mundo moderno, estamos questionando a validade da generalização do acesso aos direitos, a legislação e a sociedade civil, discutidas em diferentes níveis pelos intelectuais apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALEXANDER, Jeffrey. O Novo movimento teórico. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, p. 5-28, jun. 1987.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

BIDERMAN, Iara; CARVALHO, Paula. Cuidadora de histórias Saidiya Hartman fala de seu método de pesquisa e escrita e de suas impressões sobre o Brasil. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/historia/cuidadora-de-historias>. Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do Historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

BORGES, Rosane. Denise Ferreira da Silva e Sueli Carneiro: filósofas insurgentes. **Portal Geledés**, 08 de maio 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/denise-ferreira-da-silva-e-sueli-carneiro-filosofas-insurgentes/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da Ciência** – Por uma sociologia crítica do campo científico. São Paulo, Fundação Editora Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo** – Metodologia da pesquisa na sociologia. Rio de Janeiro, Editora Vozes, Petrópolis, 2010.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: SPILLERS, Hortense et al. **Pensamento negro radical**: antologia de ensaios. Editora Crocodilo, 2021.

<https://grsj.arts.ubc.ca/profile/denise-ferreira-da-silva/>, acesso em 15 de fevereiro de 2024.

PATTERSON, Orlando. **Escravidão e morte social**: Um estudo comparativo. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PINHO, Osmundo [Em entrevista concedida a]: SILVA, José Augusto; FONSECA, Silvana C; OLIVEIRA, Sílvio Roberto. Afropessimismo, antinegritude e ancestralidade no Brasil por Osmundo Pinho. In: **ODEERE**, vol 8, nº 1, 2023.

PINHO, Osmundo. 2022. "Morte social". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/morte-social>, acesso em 19 de janeiro de 2024.

PINHO, Osmundo. **Cativeiro - antinegritude e ancestralidade**. Salvador: Segundo Selo, 2021.

PORTO, Walter. Quem é Saidiya Hartman, que revoluciona a história que se conta da escravidão. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/quem-e-saidiya-hartman-que-revoluciona-a-historia-que-se-conta-da-escravidao.shtml>, acesso em 22 de janeiro de 2024.

SANTOS, Yasmin. Brasilidade se tornou virulenta com Bolsonaro, diz Denise Ferreira da Silva. **Folha de São Paulo**, 29 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/11/brasilidade-se-tornou-virulenta-com-bolsonaro-diz-denise-ferreira-da-silva.shtml>, acesso em 15 de fevereiro de 2024.

SCOTT, David. The Re-enchantment of Humanism: An interview with Sylvia Wynter. In: **Small Axe**, n. 8, setembro, 2000.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo Modernus** – Para uma ideia global de raça. Tradução: OLIVEIRA, Jess; DAHER, Pedro. Editora Cobogó, 2022.

SILVA, Jorge; FONSECA, Silvana; OLIVEIRA, Sílvia. Afropessimismo, antinegitude e ancestralidade no Brasil por Osmundo Pinho. In: **ODEERE**, vol. 8, n. (1), (2023).

SOARES, Maria Andrea. PINHO, Osmundo. 2021. Cativo: Antinegitude e Ancestralidade. Salvador: Segundo Selo. 300 pp. In: **MANA**, vol. 28, n. 3, 2021.

SOUSA, Fernanda de Silva E. "Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos": uma entrevista com Saidiya Hartman. In: **ODEERE**, v. 8, n. 1, 2023.

SOUSA, Igor; CRUZ, Denise. O Brasil diante do afropessimismo de Frank Wilderson III. In: **Revista De Antropologia**, vol. 65, n. 3, 2022.

SPILLERS, Hortense J. Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense. In: SPILLERS, Hortense et al. **Pensamento negro radical**: antologia de ensaios. Editora Crocodilo, 2021.

WILDERSON III, F. B. **Red, White and Black**: cinema and the structure of U.S. antagonisms. Durham: Duke University Press, 2010.

WILDERSON III, Frank. [Entrevista cedida a]: MORETTI, Felipe Coimbra. “Estamos tentando destruir o mundo”. Antinegritude e violência policial depois de Ferguson: uma entrevista com Frank B. Wilderson III. In: **Ayé: Revista de Antropologia**, Edição Especial – Tradução, 2020.

WILDERSON III, Frank. [Entrevista cedida a]: NSELE, Zamansele. Afropessimismo e os rituais da violência anti-negra: uma entrevista com Frank B. Wilderson III. Tradução: Pereira, **Allan Kardec**, jul/2020. Disponível em: <https://medium.com/@allankardecpereira/afropessimismo-e-os-rituais-da-violencia-anti-negra-uma-entrevista-com-frank-b-wilderson-iii-7b011127ae8b>, acesso em 09 de agosto de 2023.

WILDERSON III, Frank. **Afropessimismo**. São Paulo, Editora Todavia, 2021.

WYNTER, Sylvia. Nenhum Humano Envolvido: carta aberta aos colegas. In: SPILLERS, Hortense et al. **Pensamento negro radical**: antologia de ensaios. Editora Crocodilo, 2021.